

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

—ANNO II—3 DE DEZEMBRO DE 1882—N.º 41—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 1\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor

SUMMARIO

FRAYSES: — Junto de Ismailis. A partida. A volta. Um peixe incubindo os seus peixinhos na cavidade buccal
TEXTO:—Actualidades, por Gomes da Silva. As nossas gravuras, por P. C. Historias do campo, por Monteiro Ramalho Rosicler por Castro Fonseca e Felix Arvers
O archote de Pennare'h, por Julio de Magalhães. O commendador Mendoza, por D. João Valera

ACTUALIDADES

Dois homens como Anteu beijaram a terra mãe

ondas, em vez de as domarem, mais as agitam e encapellam.

Um d'estes cahiu, quando, as folhas amarelladas se desprenderam da copa dos arvoredos, e quando

Sem que aconselhemos chimericamente a resignação christã, que a tantos espiritos aproveita, entendemos melhor registrar estes phenomenos bruscos que dizimam as fileiras do partido liberal, e consi-



JUNTO DE ISMAILIS

n'estes ultimos tempos, e como elle se ergueram com mais pujança e estatura.

As paixões politicas, quicá de pequenas invejas, de certo as aggressões systematicas, andaram constantemente bolindo na honra e no merito d'estes homens, sem conseguirem apoucal-os ou vencel-os, como os ventos que apesar de soprarem sobre as

as esperanças d'un povo no seu talento brilhante e nos seus sentimentos liberaes, mais floresciaam e eramavam.

Saraiva de Carvalho cahiu não como o tronco carcomido que pela acção do tempo se inclina, dleixando na terra a apodrecida raiz, mas como o cedro alentado que o raio n'um momento estalla e derruba.

derar as manifestações collectivas a que elles dão origem.

Eramos do numero inapreciavel dos admiradores de Saraiva de Carvalho.

Na pobre imaginação de artistas desprerenciosos pinta-se ainda hoje, o vulto tribunicio d'aquelle homem, distincto, grave, austero, eloquente!

O seu nome e a sua illustração foram a honra e a gloria d'um partido, d'um parlamento, d'um paiz! Affigura-se-nos, porém, que a qualidade que principalmente distinguia aquelle illustre homem publico, e sobrelevava a todas as outras, era a de ser o encanto e o enlevo das almas novas e apaixonadas.

Não somos nós que o affirmamos, são os factos que o attestam.

Imaginemos Sampaio, um popular audacioso, tenaz, arrojado, filho d'uma sociedade politica, agitada continuamente pelos vendavaes das paixões; lucta, estuda, porfia; conquista uma illustração atravez da miseria, conquista um nome atravez da calumnia, conquista uma posição atravez da abnegação; fraco, allue um throno, ignorante chega a ser o primeiro jornalista; bondoso chega a ser temido!

Rasteja pelo povo, eleva-se ao poder, distingue-se na guerra, illustra-se na paz.

Nasce pobre, vive pobre, pobre fallece!

A' roda da sua sepultura, porém, nem todas as bandeiras se curvam, nem todas as palavras o louvam, nem todos os liberaes o choram.

Quem pôde explicar tal facto?

Saraiva, nasceu sorrindo, emballou-se na sua mocidade com a aragem da paz. A abundancia enflorou-lhe o futuro, illuminou-lhe o talento. Entrou na politica sollicitado pelos amigos, recommendado pelos seus creditos. Foi hesitante e tímido, foi saudado e applaudido!

Ninguem enumera os seus feitos, todos confiam no seu futuro.

Os partidos conservadores respeitaram-n'o, os partidos radicaes olhavam-n'o attentos, esperavam-n'o ansiosos.

Na sua vida politica houve mais do que hesitações, houve paragens; mas a um acceno opportuno a esperança renascia.

Depois das grandes arremetidas, surgiam, por vezes, as grandes tibiasas. Saraiva esperava, como por elle esperavam os crentes e os bons.

Ameaçou um throno, mas não attentou contra elle; tinha aspirações generosas, mas não tentou satisfazelas.

Assim como Sampaio fôra um facto, Saraiva foi uma esperança.

Politico, legou á geração, que n'elle via um chefe, a gloria da lucta que elle não acceitou, mas que planeava; homem, legou a sua fortuna a quem d'ella não carecia.

Do politico diz-se hoje — *esteve para ser um revolucionario*; do homem opulento — *affirma-se — pensou em legar escolas*.

E contudo á roda da sepultura de Saraiva todas as bandeiras se curvam, todas as palavras o louvam, todos os liberaes o choram.

É que Saraiva de Carvalho representava com fidelidade a epocha de transição em que nos achamos; epocha em que todos sonham, e em que poucos recordam, epocha em que todos esperam e em que poucos luctam.

Saraiva morreu no berço, que a familia politica cercou com amor e com adoração — o seu caixão não podia deixar de ter a banhal-o e a floril-o todas as lagrimas dos paes, e todas as flores dos irmãos — O seu funeral teve mais brilho e esplendor, do que teria se elle fôra o alquebrado ancião, chefe de uma familia adolescente! E não ha povo que mais a proposito saiba rir e chorar do que este nosso.

Depois dos funeraes no partido liberal, as alegrias no partido portuguez.

E dissemos nós que n'esta epocha — ha poucas recordações! Erro grave.

Ha tantos annos já que Portugal recuperou a sua independencia e ainda agora elle palpita recordando essa ventura.

É notavel que á proporção que os laços de sincera e fraternal amizade mais se estreitam entre os dois povos da peninsula, mais francas e mais solemnes são as commemorações da nossa independencia. E' que, havendo nos festejos do dia primeiro de dezembro apenas o protesto contra o dominio d'um rei estrangeiro, e sabendo o povo hespanhol que a recordação da expulsão dos Filippes não melindra os brios dos patriotas que tem de sua propria casa expulsado o despotismo dos seus monarchas, não devia ser reprimida a manifestação dos jubilos d'uns nem manifestar-se o resentimento de outros.

Festejando o anniversario da gloriosa revolução portugueza não queremos os descendentes de Pinto Ribeiro, nem agredir a Hespanha, nem adular o duque de Bragança.

Passados mais de dois seculos, terminadas entre os povos da Iberia as velhas luctas e dissensões, transformada a missão dos governos pelo beneficio influxo da liberdade, prophetisadas beneficas alianças do trabalho e da paz, da escola e do amor, as luminarias das casarias portuguezas e os sons alegres e festivos dos hymnos populares, podem servir tanto para saudar a independencia da nossa terra, quanto a independencia e a galhardia da bella terra hespanhola.

Portugal, quebrando um dia os laços que o tornavam subdito d'um rei de Hespanha, não quiz isolar-se, nem conservar erguido o pavilhão de Aljubarrota; de subdito, fez-se irmão.

A civilização tem d'estes paradoxos; desunindo, estreita; é que o amor é mais proficuo do que a submissão.

Sem duvida Portugal não hesita, no dia em que recorda a expulsão de Philippe e o assassinio de Vasconcellos, em saudar a sua irmã da peninsula, porque os tyrannos e os traidores não tem patria, em toda a parte são estrangeiros.

Ouvindo estalar no espaço as girandolas festivas, características da alegria popular n'este canto do occidente, e ao vel-as brilhar tão alto, não esquecemos que mais brilham e mais altas estão as estrellas que adornam o ceu peninsular, que se afunda no oceano e se occulta nas cumiadas dos Pyreneus.

O 1.º de dezembro não limita horisontes, nem artilha as fronteiras. A liberdade do pensamento não prejudica a busca da verdade, facilita-a: — a independencia do homem não aggride a humanidade, ennobrecer-a.

Seculos sobre seculos derrubaram os fortes da nossa raia, e a natureza não erigiu mais os penhascos das nossas costas. A Historia, sim; porque ella não prende duas nações como a natureza nos seus abortos pôde ligar dois gêmeos; aproxima-as, enlaça-as como se enlaçam n'uma alex vistosa os ramos das arvores cujas raizes a symetria isolou.

Portugal vive entre a Hespanha e o mar, e se este beija suavemente as nossas costas e se espreguiça docemente na areia dos nossos rios, sem que ouse galgar os rochedos ou trepar ás praias, por que havia de ser a Hespanha cavalheiresca, briosa, valente e liberal, mais ousada do que o mar?

É isto que se vê! Uma semana cheia de grandes acontecimentos que se prestam a bem diversos commentarios. Uma semana desgraçada talvez para um paiz, mas uma semana impagavel para um chronista.

Impagavel? Disparatado adjectivo!

Houve talvez tempo, que não volta, em que nos actos heroicos da humanidade algumas eram conside-

rados impagaveis! Isso foi tempo, como diria qualquer velho pessimista, ao recordar-se dos dias mais risonhos da sua extincta mocidade. — Isso foi tempo!

Hoje tudo tem preço, tudo tem cotação!

Por exemplo: q quanto julgamos os leitores que poderá valer a façanha de salvar a vida d'um homem com risco imminente de perder a vida o salvador!

Trepar por uma empena escandecente, penetrar por uma janella n'uma casa rubra como os salões do inferno, cortar as nuveas de fumo, cabir aqui, queimar-se acolá, e de rastos como os vampiros, mas immortaes como os deuses, porfiar na lucta e sabir do perigo ao cabo d'ella, com o pesado fardo d'um homem, d'uma mulher, d'uma creança, — enfim, d'um ente vivo, que estivera prestes a ser cadaver?

Impagavel! diria qualquer lunatico, pensando apenas na gloria d'um no me abençoado, e na consolação d'uma consciencia agradecida; cem mil reis, responde como o pregoeiro em leilão, a vereação municipal de Lisboa! Cem mil réis fortes, note-se bem, o que importa uma quantia duplicadamente superior á cotação d'uma pequena inscripção da Junta do Credito Publico...

Ora, muito mais do que isto tem ganho por cada noite os celebres Pinards do Colyseu.

E estes lucros, se, comparados com os hombeiros que se distingue m, parecem exorbitantes, comparados com os q ue obtêm os outros homens elasticos que não são Pinards, chegam a parecer uma ridicularia.

Porque, enfim, a elasticidade applicada a provocar o riso n'um circo e a trepar por uma falsa escada, tem ao menos o valor de ser artistica e de curar o spleen; mas aquella que provoca o tedio de um povo e faz subir com firmeza os degrãos do poder, tem o inconveniente de não ser tão alegre como as dos Pinards e custar muito mais cara que os actos de heroismo.

E que admira isso? Por salvar as almas, que são muito mais leves e muito menos combustiveis, recebe cada um dos nossos conegos, muito mais do que por salvar os corpos, poderá receber qualquer hombeiro.

GOMES DA SILVA

AS NOSSAS GRAVURAS

Junto de Ismailis

Em 1867 um escriptor francez muito distincto, o sr. Alfredo Rouin, percorreu os trabalhos do canal de Suez, que estavam então proximos da sua conclusão, e deu-nos de Ismailis, que estava n'esse tempo em toda a sua flor, uma descripção tão pittoresca que vamos traduzir um trecho para explicar aos nossos leitores a gravura que este artigo acompanha:

«Ismailis é hoje uma cidade de quatro mil habitantes. A sua posição, a alguns kilometros da linha do canal, a sua distancia dos trabalhos dá uma physionomia á parte, muito differente da dos acampamentos de trabalhadores. Os chefes de serviço têm alli a sua residencia. D'alli é que irradiam as ordens, d'alli que se centralisa a fiscalisação dos trabalhos. Uma serie de bellas habitações rodeiadas de elegantes jardins, cheios de flores, occupadas pelos chefes de serviço e pelo bey, que governa em nome do vice-rei, dá primeiro nas vistas. Difficilmente se pôde imaginar o encanto que se experimenta, no meio do deserto, quando se pôde descaçar a vista no mais insignificante ramilhete de verdura. A maior parte dos chefes de serviço e muitos empregados têm a sua familia em Ismailis; por isso a graciosa influencia

da mulher faz-se sentir no conchego, na elegancia mesmo que preside ao arranjo d'essas casas do deserto. Debaixo das grandes *verandahs*, ha divans, cadeiras de verga, que se acham dispostas para se gozar da frescura das lindas e serenas noites. Alli se reúnem todos para conversar a respeito da Europa, e das affeições que ahi se deixaram. As noticias dos trabalhos formam alli tambem um thema mexhaurivel, e se ha algum ponto interessante que se possa notar, é a confiança, é a fé no triumpho que não cessa de animar os chefes d'este exercito de trabalhadores em todos os graus de hierarchia. Todos os dias, um boletim, comunicado pela agencia telegraphica de Suez ao engenheiro da companhia do canal, e immediatamente transmittido a todas as estações dos trabalhos, dá o resumo das noticias politicas do dia. Quantas cidadesihas das nossas provincias vegetam immoveis, mais affastadas da França activa e intellectual do que se está n'este deserto africano.

Nas nossas primeiras excursões em Ismailis, visitámos os depositos do material da Companhia, um hospital organizado pouco mais ou menos como a ambulancia que descrevemos, longas cavallariças povoadas com immensas fileiras de cavallos e de mulas. Tudo foi previsto, e comprehendido no estabelecimento d'esses grandes serviços, e tudo conserva a simplicidade que convem, debaixo de todos os pontos de vista, ao conjuncto e ás minudencias de tão vasta empreza. A officina Laszeron é o mais interessante dos estabelecimentos de Ismailis. Tem a apparencia de um centro industrial. Uma alta chaminé a desigua de longe. Por meio de uma bomba a vapor, arrojando a agua do canal para tubos, dá a esta officina a agua doce necessaria em todo o percurso dos trabalhos desde Ismailis até ao Mediterraneo. Vimos que o canal maritimo, atravessava uma immensa extensão de leguas salgadas. Quando se principiam a lançar os primeiros alicerces de Port-Said, a agua doce era trazida de Damietto, dentro de barcos, aavez das sinuosidades do lago Menzaleh. Uma machina de destilar completou depois um systema de abastecimento. Logo que chegou a Ismailis a agua do Nilo, tratou-se de se estabelecer alli uma bomba de vapor, e um primeiro conducto de ferro fundido, de 16 centímetros de diametro, assegurou a alimentação de Port-Said. Um segundo conducto, de vinte e um centímetros, existe hoje ao pé do primeiro. Envia por dia mil e quinhentos metros cubicos de agua, arrojados por uma machina de vapor de cincoenta cavallos; duas machinas dispostas no lado da primeira, estão prontas a substitui-la, em caso de transiorno. Os dois conductos estão guarnecidos deapparehos para se tirar a agua em todas as estações da linha, e enormes reservatorios, sempre cheios, podiam, em caso de rompimento da canalisação, dar um abastecimento para muitos dias. Em todo o percurso, ha frestas dispostas, com pequenos intervallos, para facilitar a pesquisa e o concerto das avarias. Perceber-se-ha a importancia d'este serviço, quando se souber que soccorre as necessidades de nove e dez mil homens, tanto em Port-Said como no resto da linha.

Tinham posto á nossa disposição um ligeiro caleche puxado por quatro cavallos espertissimos. A carruagem, subindo gradualmente pelo planalto, El-Gizeh, não tardou a internar-se nas dunas, que atravessava a galope. Havia cerca de vinte minutos que tinham desaparecido os tectos de Ismailis por traz das dunas quando o acampamento d'El-Gizeh, a cruz da sua igreja, e o minarete da sua igreja surgiram diante de nós.

O resto do artigo não nos interessa especialmente. A nossa gravura representa essa parte do canal d'agua doce de Genen, a que Alfredo Rounin largamente se refere. Devemos acrescentar que Ismailis recebeu esse nome em honra do vice-rei Ismail-pachá, que, apesar da conclusão dos trabalhos, continua a ter uma grande importancia porque é o terminus no canal dos caminhos de ferro de Alexandria e do Cairo. Por isso tambem é uma posição estrategica importante, e sir Garnet Wolseley, que a não desconhecia, uma das primeiras coisas que fez na ultima guerra foi occupar Ismailis, apesar dos protestos de Fernando Lesseps.

A partida

Esta gravura e a gravura immediata completam-se. Os personagens são os mesmos, e o segundo episodio é a consequencia do primeiro. São scenas da vida do pescador. Estão em presença n'este primeiro quadro um noivo e uma noiva. Elle é pescador, e tem de partir para a sua faina quotidiana. Não conhecem um pequeno conto de Gomes de Amorim, as *Roseiras do amor*, que todo se passa entre pescadores da Povoia de Varzim? Relendo as scenas deliciosas d'esse pequeno romance, encontram a impressão fresca e suave que estes dois quadros de Eduardo de Block deixam tambem no no-so espirito. Parte, vae affrontar o mar encapellado, mas já se costumou ao perigo, e sorri-se dos terrores da sua noiva. Ella porém é que vae passar uma noite atormentada. Quando o vento rugir com mais força, como ella estremecerá, ao pensar no fragil barquinho que lá ao longe lucha com a furia dos escarcéus. Que tristezas lhe segredará o mar rugindo ao longe na escuridão profunda da noite! Mas elle parte alegre e jubiloso! tem a confiança da mocidade! sabe que Deus não quererá separar para sempre dois entes que se amam com tão vivo ardor. Arrancando-se enfim aos braços da noiva, parte, corre ao encontro do perigo, e no meio das trevas, cortadas apenas pela branca scintillação das vagas, pensará elle tambem na sua noiva que o espera ouvindo cantar na cinza tépida da chaminé o grillo da lareira.

Mas essa lembrança dá-lhe mais força para a lucta. O velho pescador, que está ao seu lado, pensa talvez apenas, quando rebenta o vagalhão, na fragil amurada do barquinho, pensa talvez apenas, como diz Victor Hugo:

Au vieux anneau de fer du quoi plein de soleil.

Elle não! elle pensa na sua noiva de olhos radiantes, na sua noiva que o espera, e que reza por elle a Senhora, diante de cuja imagem arde piedosamente a lamparina. E lucha com energia até que, ao romper da manhã, recolhidas as rédes, serenado o mar, o barco abica á praia, onde está desde o romper da manhã a esperal-o a sua doce namorada.

A volta

Esta gravura completa naturalmente a antecedente. E' o episodio alegre depois do episodio melancolico, é o crepusculo da aurora que precede o nascimento da luz, depois do crepusculo da tarde que precede a mansão da sombra. A noiva anciosa, que passou em tormentos e angustias a noite da ausencia, apenas vê romper a manhã corre á praia, a esperar a volta do seu namorado. Quando a barca abica á praia, lá está a pobre rapariga chorando de alegria, a estender os braços para os marinheiros. O esbelto moço salta para terra, dá-lhe o braço, e ahi vão os dois radiosos, contentissimos, para o humilde imperio, onde na vespera ainda se tinham separado,

ella cheia de tristeza e de lagrimas, elle com um vago confrangimento de coração.

Um peixe incubindo os seus peixinhos na cavidade bucal

O *Chronica pater-familias* pertence a esse genero de peixes, que incubam os seus ovos e os seus peixinhos, na cavidade bucal. E' o macho que sempre se entrega a essas funcções de incubação, depois da fêmea ter depositado os ovos n'uma depressão arenosa, ou entre os juncaes.

Alli, no meio dos órgãos respiratorios, os ovos sofrem todas as suas metamorphoses, os peixinhos tomam rapidamente um consideravel volume, e parecem muito incommodados no seu estreito carcere. Saem d'elle para fóra, não pelos ouvidos, mas pela abertura que faz communicar a cavidade branchial com a boca.

A boca do animal está ás vezes tão estendida pela presença d'esta numerosa progenitura que os queixos não podem de modo algum approximar-se. As faces estão entumecidas, e o animal apresenta então o aspecto mais estranho. Apesar de serem tão numerosos, os peixinhos mantem-se alli muito solidamente: não se pode perceber como aquella ama tão extraordinaria não engole a sua progenitura. Não sabemos em que epoca deixa esta a boca paterna para viver uma existencia independente.

O *chronica pater-familias* tem dezoito centímetros de comprimento e quatro e meio de altura. O focinho é obtuso, os dentes são finos e agudos, dispostos n'umas poucas de series. A boca é ligeiramente obliqua, de um comprimento igual á largura: as escamas do seu corpo são cycloides, mais altas do que largas, e cór de azeitona no dorso, e de um brilho prateado, mosqueado de verde e de azul no ventre. Este peixe foi pescado pela primeira vez em 1873 a beira do lago de Tiberiades, onde ha a agua quente necessaria para a sua existencia.

P. C.

O DOMINGO DOS BÉBÉS

HISTORIAS DO CAMPO

I

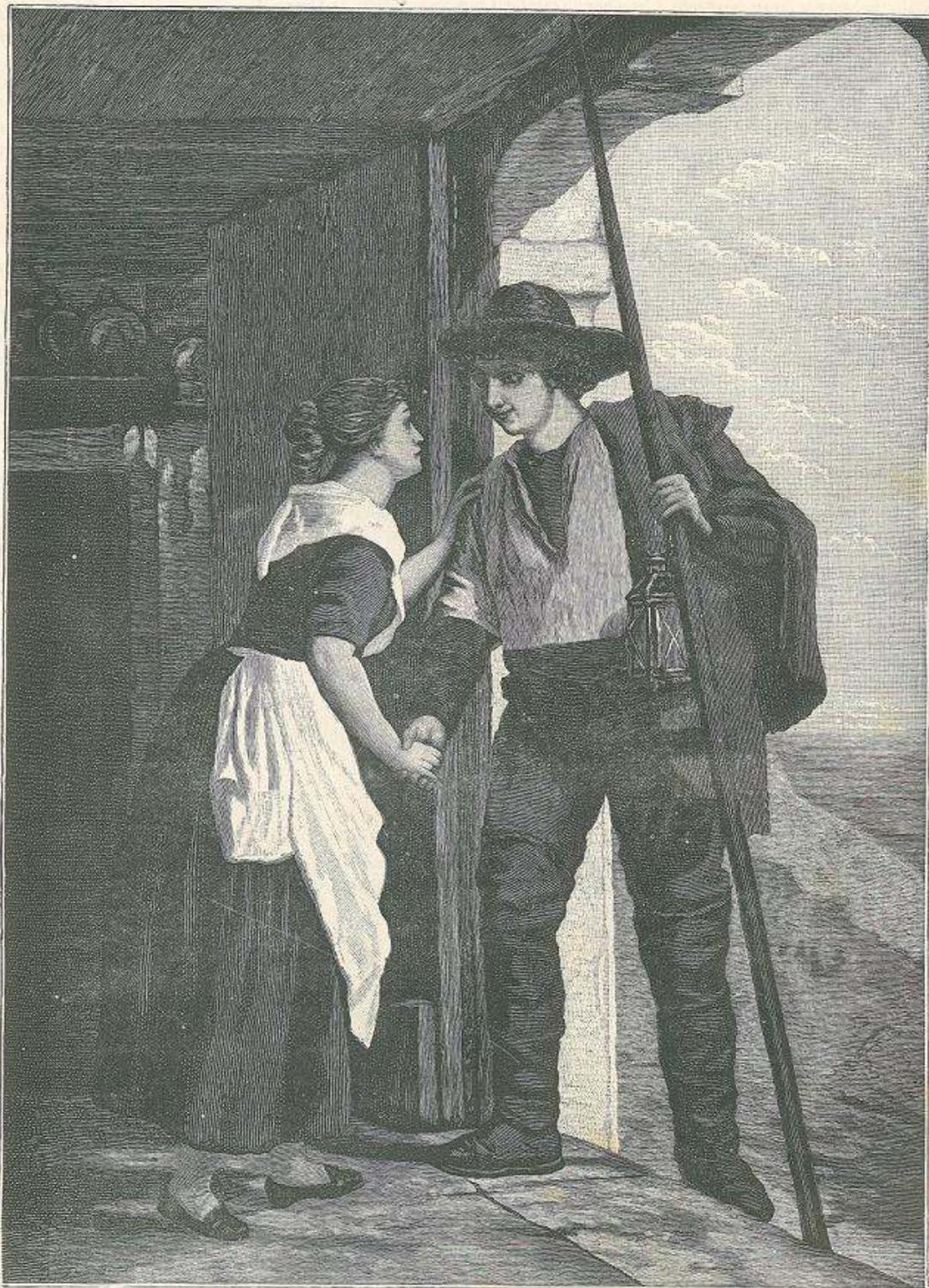
AOS NINHOS

Sonhava o garoto Quim que, embrenhado na mata espessa, já tinha encontrado meia duzia de fôfos ninhos atulhados de passaritos implumes, que abriam grossas mandibulas anciosamente, quando no alto de um pinheiro manso avistou mais um, redondo e enorme, que debaixo parecia todo feito pittorescamente de rosmaninho florido. O Quim contemplou o grande pinheiro desapontadamente, por vêr que não poderia decerto subir até ás ramarias elevadas, no meio de cuja massa verdeneira é intensa o appetecido ninho punha uma nota festiva de rude flôr silvestre; mas como ao mesmo tempo lá em cima, talvez ironicamente, um pequeno passaro para elle desconhecido avançou o bico dourado, e fitando-o, com os seus estranhos olhitos negros e scintillantes, soltou de repente um assobio agudo e acre, que o arreliou immensamente, o garoto admirado, tomou-se d'uma forte resolução e atirou-se com gana ao grosso tronco do pinheiro immovel, em expectativa. Penosamente, foi-se arrastando como um tropego batrachio agarrado á casca avermelhada, mas tendo um grande medo de cahir, porque lhe parecia sentir ás vezes o tronco estremecer, mudar de logar, pinchar uns pulos breves, e ranger fracamente umas

gargalhadinhas surdas. Então, não querendo que o pinheiro insolente mangasse com elle, o Quim procurava subir a toda a pressa, com raiva, agitado de um brusco frenesi; enquanto que o esperto passarinho de bico dourado, muito alegre, assobiava longamente uma enfiada singular de notas estridu-

lentamente, e em breve pôde lançar a mão victoriosa a um esgalho resistente, onde descansou um instante. Pareceu ter então muito susto o passarinho de bico dourado, que recolheu apressadamente ao interior do ninho, batendo as pequenas azas n'um alvoroço; e como d'alli a pouco veiu espreitar caute-

E todo satisfeito, ajudado agora pelos esgalhos valentes, subiu rapidamente até ás altas ramarias onde estava o ninho cubiçado; mas—ui!—quando lhe vae a deitar o gatazio adunco, eis que um pé lhe escorrega desgraçadamente, e o pobre garoto precipitado no espaço, todo eriçado de medo, vê-se enla-



A PARTIDA

las e penetrantes, como que n'uma viva petulancia de desafio.

Julgando-se escarnecido, o Quim ia vencendo teozamente a resistencia aspera do enorme pinheiro, e por mais que o tronco inquieto o sacudisse, elle abraçando-se, enganchando as pernas, e cravando desesperadamente as unhas, conseguia elevar-se

losamente um segundo passarinho, de bico escarlante como uma bella granada ponteaguda, e atraz d'elle veiu um terceiro, de bico azul como uma turqueza, e logo em seguida um outro de bico inflamado como uma braza preciosa, o garoto regalado berrou emcantadamente:

—Oh que rica passarada!

gado e beijado por um diabo cabelludo, de longa cauda retorcida e sibillante, bocca escancarada n'um riso torpe, e que aos zigue-zagues pelo ar suffocante o leva rapidamente para um fundo abysmo de braza...

... Felizmente o Quim acordou n'este momento, assarapantado, e atravez da escuridão silenciosa do

quarto julgou ainda ver um clarão fugaz na parede, como reflexo do brazeiro infernal.

II

LEENDA

Conta-se que um dia dois cegos tocadores monte-

longe, nas ondulações do solo abrupto, em claridades esparsas e brandas de lures fataes. Por ali andavam os lobos aos bandos, vergastados por um desespero ullulante de fome, não tendo para repasto senão os vetustos penhascos e a neve frigidissima; mas os desventurados cegos sentiam-se tranzidos

mente; e como este, já de mau humor, promettia abandonal-os alli sem dôr, porque não avistava senão serranias branquejantes, e não estava para ser devorado pelos lobos, os cegos tolhidos de frio e medo acabaram por se calar humildemente, caminhando sempre sem murmurar uma queixa, suspi-



A VOLTA

sinhos acharam-se perdidos n'uma serra brava, onde o granito monstruoso marcava exuberantemente successivas e infinitas boças tragicas, e sobre cujo dorso turbulento o inverno havia estendido imperiosamente um espesso e luxuoso manto de neve pudibunda, tendo por vezes tons lividos sob o ceu pardo e inclemente, e luzin-lo raramente, de longe em

sobretudo quando onviam ao longe os corvoos repetirem tristemente os seus gritos dôces e sinistros.

Atravessando ao acaso as alvas eminencias, os cegos cada vez se lamentavam mais sob o frio imcomportavel, e queixavam-se chorosamente do seu guia, um roto malandrim que dizia não ter culpa, se rena-

rando a espaços, e rezando constantemente a Deus para que os salvasse.

Ao cair da tarde, já cançados de enterrar os tamancos na profunda neve, atravez de cuja branca e immovel tempestade elles eram uns naufragos torturados, os pobres cegos sentaram-se resignadamente debaixo de um grande carvalho, de tronco enor-

me e extravagantes ramarias de neve, que estava felizmente escondido ao fundo de um despenhadeiro colossal. Alli foram mastigando dolorosamente as ultimas côdeas de brôa que lhes restavam nas sacolas molhadas, e n'uma inconsciencia abstracta de martyrisados, ameaçados de morte, mas que vão sempre cuidando do seu ganha-pão de amanhã, puzeram-se por fim a consolar os seus instrumentos gelados, um arranhando frouxas tosses de sons na rebeca constipada, e o outro soprando roucas lamurias friorentas e desoladas na toska flauta, ao mesmo tempo que o guia, assustado, insinuava azedamente que elles estavam a desafiar os pacificos lobos. Entretanto, o ceu rigido ia-se obscurecendo gradualmente invadido de tintas grandiosamente severas e lugubres; o vento era impiedoso n'aquellas alturas desertas; e ralado, resmungando, praguendo amargamente, o guia andava desesperado, vigiando por toda a parte, e querendo rasgar com o olhar o nevoeiro espesso que encobria largamente os fundos vales, ondulando lá para baixo como um grande mar nebuloso, que beijava as puras neves da serra e ia ao longe, mais obscuro, confundir-se com as nuvens densamente amontoadas.

Mas subito eis que o inimigo terrivel e tão temido apparece, desenhando a sua sombra sinistra ao alto do despenhadeiro, e soltando estridente uivo de ferocidade alegre á vista d'aquellas victimas; e, com o olhar acceso, febril talvez de fome, o lobo vinha já descendo os primeiros penhascos, quando o animoso guia se lembrou do expediente legendario, e sacudindo os cegos, entorpecidos de terror, disse-lhes vivamente que tocassem alguma coisa, depressa e com bastante zoeira, começando logo elle proprio a cantar tristemente umas ternas modinhas campestres que sabia,—o que pareceu irritar muito o lobo, que parou sobre um penedo, mudo, com os pellos eriçados. Mas o cego da rabeca, que havia começado a raspar o arco nas rispidas cordas furiosamente, produzindo um charivari medonho juntamente com a flauta desenfreada, foi gradualmente afinando a sua musica, e afinal, não se sabe por que estranho effeito nervoso, fazia cantar a velha sanfona n'uma harmonia divina, tocante e aerea, que desesperaria de inveja o mais apaixonado Joachin, enquanto que se diria seguramente do cego da flauta que estava entoando alli o maguado canto do marido inconsolavel do sonho de Heine.

Lentamente foi a ameaça desaparecendo dos olhos do lobo enternecido, substituida por uma doçura ineffavel, ao longe os echos gemiam melodiosamente, e o ar vibrando levava os sons dolentes para as nuvens paradas n'um encanto; e parecia mesmo que a boa fera chorava de ternura e prazer, quando de repente o seu magro corpo tremeu, e vacillando, fraco, inanime, rolou do penedo n'outro penedo, magoou-se nas rochas duras, feriu-se, ensanguentou-se, resvalou pelo abysmo no meio d'um turbilhão de grossos farrapos de neve, e sem que nunca se ouvisse o mais ligeiro rugido ou grito angustiado, veiu cahir despedaçado aos pés dos cegos.

Arrastados pelo guia, maravilhado e crente no milagre de Deus, os tocadores tremendo encaminham-se á pressa pela encosta abaixo, sumindo-se em breve no nevoeiro humido; um socego tragico fez-se por toda a parte; e a noute negra veiu descendo morosamente. Então, um enorme bando grasnante de corvos desabou vorazmente sobre os restos sanguinolentos do lobo, atraído pela clemencia dos seus nervos.

III

À LAREIRA

Beu, beu!

E a velha Quiteria, fiando, disse:

— Lá fóra ladrrou um cão.

Logo, um rapazola neto d'ella pediu-lhe que contasse alguma historia bonita, de cães maus, damnados, ou cousa assim; mas a bôa velha, poço de interessantes fabulas, disse pezarosamente que não sabia nenhuma. Lembrava-se, contudo, da historia muito velha d'um pavoroso cão noctivago, que outr'ora andava sempre pelos montes ladrando terrivelmente, ou uivando em lamurias sinistras, e que era a alma penada d'um grande bispo criminoso...

— Credo! — fizeram, incredulamente, em volta da lareira, povoada de toda a familia reunida.

A Quiteria gostava justamente de vêr os auditórios impressionados, picados e attentos; e bracejando largamente o fuso, com um sorriso vago:

— Espere lá...

Foi n'um dia de sol que regalava tudo; o bispo atravessou a aldeia escarranchado n'uma bella mula d'orelha aguda, e ia tão carregado d'ouro que até um bom frade pedinte, então muito estimado no sitio, dissêra baixinho:

— «Nosso Senhor Jesus Christo era mais próve!»

O bispo ia sózinho, sob um grande manto escarlata, gôrrô d'ouro com pluma vermelha, armadura dourada relusente como uma chapada viva de sol, enormes esporas d'ouro, e a propria espada, formidavel, que chegava quasi ao chão, era d'ouro tambem! Para que ia o bispo em tal apparato luminoso e cegante, não o poudo explicar o pobre frade; mas naturalmente ia fazer guerra aos mouros, — notou a Quiteria, especulando.

Havia então na aldeia uma rapariga bella como as rosas, de cabellos louros e longos e ondeantes como os trigos, e olhos azues como o ceu puro; correu ella, como toda a gente, á porta da sua casinha negra para vêr passar o bispo flammejante, que ao avistal-a, não mais deixou de a fitar, surprezo e encantado; e quando chegou ao pé d'ella alegrou d'um sorriso a sua cara fartamente barbada, de homem ainda novo...

(— Bispo de barbas, mulher?

— Era n'aquelles tempos!)

... e disse á formosa donzella, parando e inclinndo-se para ella:

— «Dás-me um abraço, flôr?...»

A rapariga coitada fez-se vermelha como um cravo, e sem dizer nada, olhos no chão, envergonhada, foi-se esconder timidamente atraz do seu namorado, que estava n'um grupo de aldeões curiosos que logo alli se reuniram, presencendo a scena singular do galanteio inesperado. Mas o bispo voltou-se bruscamente, d'olhar acceso e feição dura, rubro de despeito; e mandando aproximar o feliz rapaz, que se pôz na frente d'elle sereno e sem medo, perguntou-lhe colorosamente, rangendo os dentes:

— Grande cão, o que te é ella?

— E' minha noiva, senhor.

Então o bispo deu um berro diabolico, e arrancando a espada immensa rachou ao meio, d'uma vez, o desgraçado noivo, com a rapidez fulminante e assombrosa do raio; e levantando logo vigorosamente nos seus braços a desditosa rapariga, que se debatia e chorava, enterrou as esporas d'ouro na mula esperta, e largou a galôpe, caminho da serra, pondo pelo ar um largo vôo de sangue com o seu manto escarlata. Mas no dia seguinte, ao rasgar fusco da aurora virginal e rosea, houve quem visse ca-

hido n'um fundo barranco o cadaver escangalhado do bispo, meio envolto nos seus ouropéis sujos, ennodoados e rotos; enquanto que mais longe, tambem morta, jazia a pobre rapariga raptada, tristemente estendida, intacta e pallida como os lyrios.

E d'alli por diante começou a andar pelos montes o cão noctivago, ladrante e ululante, que o bom frade pedinte disse logo ser a alma penada do bispo atroz,— porque de mais a mais elle, ao matat-o, chamára grande cão ao namorado da donzella bella.

Em volta da lareira, ficaram todos calados, comovidos com a negra historia; e lá fóra, o cão que a provocara, mesmo ao pé da porta, fez agora ameaçadoramente:

— *Áo, áo!*

E todos vagamente atemorizados, sob o silencio mysterioso da noite, chegaram-se mais para a fogueira alegre, tendo instinctivamente no fogo salvador a confiança sagrada dos antigos persas.

MONTEIRO RAMALHO.

ROSICLER

A ABELHA

Stá quasi a prumo o sol, no seio da floresta
Correm fios de luz ao longo das lianas,
E o calor tropical, que as tenras plantas cresta,
Exalça e revigora as fronteas soberanas;

O perfume que ao ar a florescencia empresta
Trescala e se derrama além pelas savanas;
Ha folhas pelo chão, um não sei que de festa,
O soberbo vigor das tintas indianas.

Amadurece o cardo; uma travessa abelha
Dilacera-lhe a face, a fina côr vermelha,
Sorve o nectar que estilla e some-se ligeira.

Meu amor, minha amada abelha que fugiste,
Em pleno coração assim tu me feriste,
Assim tu me arrancaste a lagrima primeira.

CASTRO FONSECA.

O SONETO DE ARVERS

Guardo um segredo aqui, no coração sepulto,
Um amor immortal que subito brotou,
E' um remedio do mal, por isso é que eu o occulto,
E aquella que m'o inspira, oh! nunca o suspeitou.

Ella junto de mim na vida caminhou,
Eu ao seu lado sempre, e sempre solitario,
E triste fui subindo a estrada do Calvario,
E eu nada lhe pedi, e nada me outhorgou:

Ella, posto que Deus, a fez gentil e boa,
Passará distrahido, e sem ouvir sequer
O murmúrio de amor, que ante seus pés resôa,

Fiel unicamente ao austero dever,
Ao lêr esta canção que o vulto seu povôa,
Dirá sem comprehender: Quem é esta mulher?

FELIX ARVERS

NOTA.—Este soneto, conhecido na litteratura franceza pelo nome de soneto de Arvers, por ser a poesia que deu nome ao joven poeta que a firmou, e que não conseguiu de outro modo a immortalidade, é effectivamente uma obra prima de sentimento profundo e comprimido. Não o podendo inserir no original, tivemos de pôr em versos portuguezes. E' como dizia Castilho, um panno de raz visto pelo avesso, mas não podiamos deixar de engastar no Rosicler esta perola, ainda que marcada pela versão.

O ARCHOTE DE PENMARC'H

LEGENDA DA BRETAGNA

(Versão portuguesa de Julio de Magalhães)

(Conclusão)

«Do alto da rocha, Satanaz seguia com o olhar os inauditos esforços, que o generoso René fazia para arrancar á morte a mulher amada.

«A tormenta continuava a bramir furiosamente; o vento sibilava; os relampagos cortavam os nuvens de momento a momento, e o trovão repercutia de rochedo em rochedo o seu estrondar ensurdecedor. De subito, porém, partiu da praia um grito de júbilo, que foi repetido por muitas vezes... A este grito respondeu no alto do penhasco um silvo agudo, seguido pelo ruído surdo de um corpo, que baqueava no mar... Estava salva Yvonne!

«E a tempestade cessou subitamente; o vento deixou de fazer ouvir o seu temeroso sibilar; o relampago extinguiu-se no horizonte, e o trovão afastou-se para longe... No meio d'aquella repentina calma elevou-se nos ares um fervoroso canto religioso... Os habitantes de Penmarc'h, ajoelhados na areia da praia, rendiam graças ao Eterno Deus por ter permitido, que o corajoso René salvasse a pobre Yvonne...

«Em quanto a donzella era conduzida sem sentidos para a povoação, os camponeses, guiados pelo clarão do archote abandonado, descobrem o corpo inanimado do velho Legoello, e levam-n'o tambem para longe d'aquelle logar maldito, sem que se atrevam a tocar no facho infernal. No dia immediato porém toda a povoação de Penmarc'h se dirigiu ao penhasco procissionalmente, levando na frente o reitor com a cruz alçada. O archote foi lançado para o mar, onde a chamma, no momento de se extinguir, produziu um fumo amarellado e sulfureo.

«Ha quem diga que as ondas nunca mais arrojam á praia o archote infernal, assim como tambem ha quem affirme, que ainda algumas noites brilha no mesmo logar, onde outr'ora foi encontrado. Eu propria julgo, que avistei esta noite o seu avermelhado e fumoso clarão... Seja porém como fôr, devo dizer-vos o que depois foi feito de Legoello e de Yvonne...

«O ceu quiz de certo premiar a dedicação do pae pela filha e da filha pelo pae, por quanto desde aquella terrivel noite cessou de perseguil-os a má sorte. O enfermo recuperou rapidamente a saude; a terrivel epidemia deixou de fazer estragos nos seus rebanhos; e o negociante de gados, que fallira, e que se vira na impossibilidade de lhe pagar uma avultada divida, herdou uma boa fortuna por morte de um parente, e regularizou todos os seus negocios. Em uma palavra, as coisas correram de modo, que o excellent Legoello chegou por fim a reunir a tão appetecida somma de mil escudos. René amava Yvonne mais apaixonadamente ainda desde que lhe salvára a vida, de sorte que o casamento depressa se realisou com grande contentamento de todos.

«Quando sahiam da igreja os noivos, o velho Eon disse á sua nora:

«—E's uma boa filha, Yvonne; has de ser uma boa esposa.

«—E' uma boa filha, porque salvou a alma de seu pae, accrescentou Legoello. E René ha de ser um bom marido, porque salvou a minha filha.

«—Caíam sobre os noivos as benções de Deus! disseram todos os presentes.

«Quando a minha avó, que Deus tenha em santa gloria, me contava esta historia, nunca deixava de a concluir com as seguintes palavras:—Meus queridos filhos: não vos deixeis nunca vencer pela tentação de obter riquezas por meios illicitos e pouco honestos, por quanto a pobreza e a graça de Deus valem mais do que o dinheiro do diabo.»

No momento em que a velha Jacquelina acabava a sua narração, batiam dez horas nos relógios de Penmarc'h. Estava terminado o serão. As fiandeiras separaram-se e dirigiram-se para as suas habitações. As menos timidas atreveram-se a lançar um olhar na direcção dos rochedos de Penmarc'h, sobre os quaes não viram brilhar senão as estrellas. Mas as mais medrosas, as que não tinham ousado olhar, asseveraram depois, que tinham avistado o clarão fumoso e avermelhado de uma luz... Até mesmo algumas affirmaram que tinham visto o diabo em pessoa, coberto com um grande manto cõr de fogo, e brandindo um enorme facho de luz...

A legenda, que acaba de ler-se, constitue a explicação do facto de ser conhecido pela designação de «Archote de Penmarc'h» um dos rochedos da costa, nas proximidades da povoação d'este nome.

E'TIENNE ENAULT.

O COMMENDADOR MENDOZA

POR

D. JOÃO VALERA

I

Apezar dos negocios e cuidados, que me prendem quasi continuamente em Madrid, tenho por costume ir de vez em quando passar um ou dois mezes em Villabermeja e outros logares da Andaluzia.

A ultima vez que estive em Villabermeja, tinham já sahido a lume as *Illusões do Doutor Faustino*.¹

D. João Fresco deu-me a principio mostras de zangado por eu ter trazido á luz em um livro de entretenimento a sua vida e a de varios parentes seus; mas por fim, conhecendo que não houvera da minha parte intenção má, perdoou-me a falta de sigilo. Ainda mais: D. João applaudiu a ideia de escrever novellas baseadas em factos reaes, e animou-me a proseguir cultivando o genero. Foi isto que nos moveu a fallar do Commendador Mendoza.

—O vulgo, disse eu, ainda acredita que o Commendador anda penando, durante a noite pelos desvãos da casa solarenga dos Mendozas, com o seu manto branco do habito de S. Thiago?

—Meu amigo, respondeu-me D. João, o vulgo já lê *O Citador* e outros livros e periodicos livres-pensadores. Alem d'isso o ar, que se respira, está como que impregnado de incredulidade. Não faltam operarios scepticos; mas as mulheres, por via de regra, continuam acreditando a pés juntos. Os mesmos operarios scepticos negam de dia rodeados de gente, porém de noite, a sós, ainda temem mais do que d'antes o sobrenatural por isso mesmo que o negaram durante o dia. Segue-se portanto que apesar de vivermos na epoca da razão e de se suppor que já pas-

sou o tempo da fê, não ha mulher de Villabermeja que se aventure a subir aos desvãos da casa dos Mendozas sem descer a gritar e affirmando ás vezes ter visto o Commendador; e raro se encontra homem, que suba até lá sem fazer um grande esforço de vontade para vencer ou dissimular o medo. O Commendador, pelo que se vê, ainda não completou o seu tempo de purgatorio. Entendem alguns que não está no purgatorio, mas no inferno; mas não parece natural que, estando no inferno, o deixem sahir para vir amedrontar os seus conterraneos. É mais razoavel e verosimil que esteja no purgatorio, e isso creê a mór parte das pessoas.

—Quer o Commendador esteja no purgatorio, quer esteja no inferno, o que se infere de tudo isso é que os seus peccados deviam ser enormes.

—Pois note uma cousa, accudiu D. João Fresco, o povo não conta nada de terminante e claro com relação ao Commendador. Conta, sim, mil confusas patranhas. Sabe-se que em Villabermeja feriu a imaginação popular mais por seu modo de ser e de pensar que por seus actos. Os seus actos conhecidos, afora algum desvario da juventude, dão-lhe antes foros de boa do que de má pessoa.

—Seja como fôr, acredite que o Commendador era homem notavel?

—De certo que sim. Vou contar-lhe o que sei d'elle, e julgue depois.

D. João Fresco referiu-me então o que sabia a respeito do Commendador Mendoza. Eu não faço agora mais do que escrever a narração.

II

D. Fadrique Lopez de Mendoza, vulgarmente chamado o Commendador, foi irmão de D. José, o morgado, avó do nosso D. Faustino, que julgo ser conhecido dos leitores.

Nasceu D. Fadrique em 1744.

Diz-se que desde creança revelara uma tendencia perversa para rir de tudo e não tomar nada a serio. Esta qualidade é a que menos facilmente se perdoa, quando que se percebe que não provem de leviandade, mas sim de ter um homem o espirito tão serio, que difficulosamente acha coisa terrena e humana que mereça que elle a considere com seriedade; e por conseguinte, á força de seriedade, nasce o desdem e o riso zombeteiro.

D. Fabrique, segundo a tradição geral, era homem d'este genero: um homem jocosos de fundo serio.

É claro que ha duas especies de homens jocosos de fundo serio. A uma especie, que é mui numerosa, pertencem os que andam sempre tão serios, que fazem rir os outros, e sem o querer são jocosos. Á outra especie, que sempre conta poucos individuos, pertencia D. Fadrique. D. Fadrique zombava da seriedade vulgar e infundada, em virtude de uma esquisita e superlativa seriedade; por esse motivo era jocosos.

Cumpra todavia observar que a jocosidade de D. Fadrique raras vezes descambava em insolencia ou crueldade, nem se exasperava em detrimento do proximo. Os seus gracejos eram benevolos e urbanos, e tinham, a espaços, uns laivos de doce melancholia.

A feição predominante no caracter de D. Fadrique não se pode negar que implicava uma condição má: a falta de respeito. De ver em tudo o ridiculo e o comico, resultava por consequencia que nada ou quasi nada respeitava sem poder corrigir seu defeito. D'isto se queixava muito seus mestre e superiores.

D. Fadrique era agil e forte, e nenhuma coisa ou pessoa lhe infundiu temor, excepto seu pae a

¹ E' um excellent livro em dois volumes tambem do sr. D. Juan Valera.

quem amou com entranhavel affecto. Nem por isso deixava de conhecer e até de dizer em confidencia, quando fallava do pae, depois da morte d'este, que não obstante ter sido um acabado cavalheiro, honrado, pundonoroso, bom marido e cheio de caridade com os pobres, fora comtudo um *vandalo*.

Como prova d'este asserto contava D. Fadrique varias anedoctas, entre as quaes nenhuma lhe agradava tanto como a do bolero.

D. Fadrique dançava o bolero muito bem quando era menino, e D. Diogo, que assim se chamava o pae, comprazia-se em que o filho mostrasse a sua habilidade, quando o levava a fazer visitas ou quando as recebia em sua casa.

Um dia D. Diogo levou o filho D. Fadrique á pequena cidade, duas leguas distante de Villabermeja, cujo nome eu não quiz nunca dizer, e que escolhi para theatro da minha *Pepita Gimenez*. Para melhor intelligencia de tudo, e a fim de evitar periphasis, peço ao leitor que sempre que eu fallar da cidade no discurso da obra, entenda que fallo da pequena cidade já mencionada.

idade ficam os rapazes muito semsaborões, porque principiam a presumir-se homens e não o são. Não obstante, visto que assim o querem, vae elle mostrar a sua habilidade.

As senhoras, que tinham mostrado desejos de ver D. Fadrique dançar, repetiram as suas instancias, e uma das meninas pegou n'uma viola e começou a tocar para que D. Fadrique dançasse.

—Dança, Fadrique, disse D. Diogo.

N'aquella occasião apoderou-se da sua alma uma repugnancia invencivel á dança. Via uma contrariedade monstruosa, alguma coisa do que se chama agora *aulinomia*, entre o bolero e a caraça. E' de notar que n'esse dia D. Fadrique vestiu casaca pela primeira vez: estreitava aquella prenda, se de estreia pode ser qualificado o aproveitamento do arranjo ou refundição de um fato, usado primeiro pelo pae e depois pelo morgado, a quem tinha sahido curto e apertado.

—Dança Fadrique, repetiu D. Diogo, bastante zangado.

D. Diogo, cujo traço de campo e de viagem se-

A menina da viola parou a musica por um instante; mas D. Diogo olhou de modo tão terrivel que ella teve medo de que a fizesse tocar como queria fazer dançar o filho, e continuou tocando o bolero.

D. Fadrique, depois de apanhar oito ou dez chicotadas, dançou o melhor que soube.

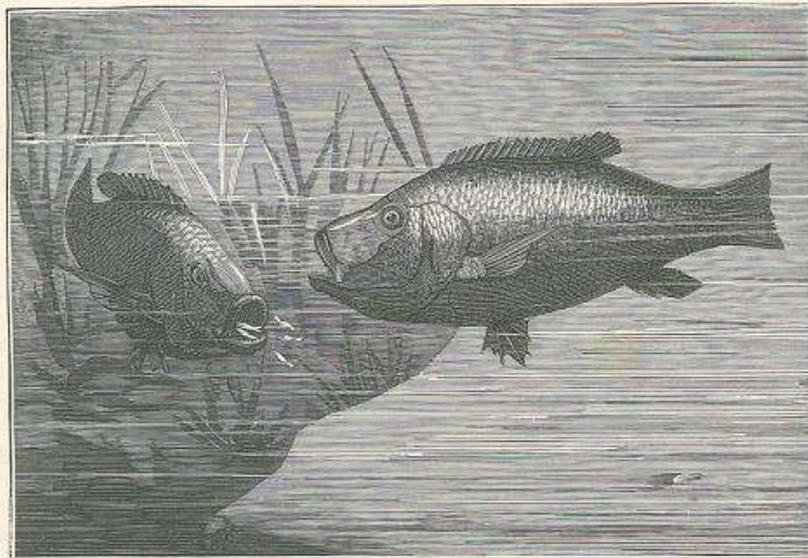
Saltaram-lhe logo as lagrimas; mas reflectindo depois em que tinha sido o pae que lhe batera, e apresentando-se-lhe na phantasia toda a scena de um modo comico, e vendo-se elle proprio a dançar ás chicotadas e de casaca, riu-se apesar da dor physica, e dançou com inspiração e enthusiasmo.

As senhoras applaudiram loucamente.

—Bem, bem, disse D. Diogo—Por vida do diabol Fiz-te doer, meu filho?

—Não, meu pae, disse D. Fadrique. Está visto: eu hoje precisava de duplo acompanhamento para dançar.

—Homem, disfarça. Para que és tolo? Que repugnancia podias ter, se a casaca te está como se fosse pintada, e o bolero classico e de boa escola é uma dança de senhor? Estas damas hão de perdoar-



UM PEIXE INCUBINDO OS SEUS PEIXINHOS NA CAVIDADE BOCCAL

D. Diogo como fica dito, levou D. Fadrique á cidade. D. Fadrique tinha treze annos, mas estava muito espigado. Como ia fazer visitas de cerimonia, trazia casaco e collete de damasco encarnado com botões d' aço polido, sapatos de fivela, e meias de seda branca, de maneira que parecia um sol.

A roupa de viagem de D. Fadrique, que estava muito usada e com algumas nodoas e rasgões foi deixada na hospedaria, onde tambem ficaram os cavallos. D. Diogo quiz que o filho o acompanhasse em todo o seu esplendor. O rapaz ia contentissimo de se ver tão guapo e com traje tão senhoril e luxuoso. Mas a propria ideia da elegancia aristocratica do vestuario infundiu-lhe um sentimento um tanto exagerado do decoro e compostura, que devia ter quem o levava vestido.

Por infelicidade, na primeira visita que D. Diogo fez a uma fidalga viuva, que tinha duas filhas donzellas, fallou-se do menino Fadrique, do muito que estava crescido, e do talento que tinha para dançar o bolero.

—Agora, disse D. Diogo, dança peor do que o anno passado, porque está na idade em que principia a julgar-se homem: idade insupportavel entre a palmatoria e o barbeiro. Bem sabem que n'essa

gundo o uso da terra, estava em muito bom estado, não se poz de casaca como o filho. Ia de hotas e esporas, e levava na mão o chicote com que castigava o cavallo e os podengos de uma numerosa matilha, que tinha para caça.

—Dança Fadrique, exclamou pela terceira vez, notando-se-lhe já certa alteração na voz, causada pela colera e admiração.

D. Diogo formou tão elevado conceito da auctoridade paterna, que se maravilhava d'aquella rebeldia.

—Deixe-o, senhor de Mendoza, disse a fidalga viuva, o rapaz está cansado do caminho, e não quer dançar.

—Pois ha de dançar agora.

—Deixe-o; outra vez será, disse a que tocava.

—Ha de dançar agora, repetiu D. Diogo. Dança, Fadrique.

—Não danço de casaca, respondeu este finalmente.

Aqui é que foram ellas. D. Diogo prescindiu das senhoras e de tudo.

—Rebelde! mau filho! gritou: heide mandar-te para os Toribios: dança ou quebro-te os ossos, e desatou ás chicotadas a D. Fadrique.

me. Não é verdade? Sou um pouco assomado de genio.

Assim terminou o lance do bolero.

N'aquelle dia D. Fadrique dançou outras quatro vezes em outras tantas visitas, á mais leve insinuação do pae.

Dizia o cura Fernandez, que conheceu D. Fadrique e tratou com elle, por cujo intermedio o meu amigo D. João Keco sabia muitas d'estas coisas, que D. Fadrique referia com amor a historia do bolero, e que chorava de ternura filial e ria ao mesmo tempo dizendo «meu pae era um vandalo» quando se recordava d'elle dando-lhe chicotadas, e lembrava-se das senhoras aterradas, sem deixar uma d'ellas de tocar viola, e pensava em si mesmo dançando o bolero melhor do que nunca.

Parece que havia em tudo isto alguma coisa de orgulho de familia. *O meu pae era um vandalo* de D. Fadrique resoava em seus labios quasi como loutor. D. Fadrique educado na sua terra e da mesma maneira como fôra seu pae, D. Fadrique rustico, ainda teria sido mais vandalo.

(Continua).